

O “hétero” e o falo: a sustentação do poder na ordem do discurso

The “straight man” and the phallus: the sustenance of power in the discursive order

Valter Souza da SILVA

Universidade do Estado de Mato Grosso
Cáceres-MT, Brasil
valter.silva@unemat.br

Rosimar Regina Rodrigues de OLIVEIRA

Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Marabá, PA, Brasil
rosi@unifesspa.edu.br

Resumo: O artigo inscreve-se na formação discursiva da masculinidade e delimita o discurso do heterossexual em autoafirmações falocêntricas: o pênis, um elemento presente em enunciados de determinados grupos sociais como item que atesta poder; o *corpus* — pronunciamento do ex-presidente Bolsonaro em 7 de setembro de 2022. Delimita-se o recorte principal “imbrochável” para descrever a relação entre o discurso fundador e o processo de identificação do homem “hétero” que circula diuturnamente e é autorizada a circular, tendo em vista as regularidades intrínsecas das formações ideológicas com materialidade nas formações discursivas que se explicitam em práticas sociais reproduzidas majoritariamente. O aporte teórico é a Análise do Discurso franco-brasileira, oriunda dos escritos de Michel Pécheux e traduzidas no Brasil por Eni Orlandi. Após a análise do *corpus*, foi possível apreender que o discurso constitui memórias de dizeres outros, nesse caso, misóginos, preconceituosos, segregadores, além de uma reinvestida de valores ideológicos que se tem buscado superar, tais como: conservadorismo, machismo e patriarcalismo.

Palavras-chave: falo; heterossexualidade; discurso; presidente; imbrochável.

Abstract: The heterosexual discourse in phallocentric self-affirmations, which is delineated in this article, contributes to the discursive development of masculinity. The penis is a recurrent element in statements by certain social groups as an item that attests to power. This text corpus is a speech given on September 7, 2022, by former President Bolsonaro. The key “never limp” passage is condensed to explain the connection between the founding discourse and the identification process of the “straight man”, which is permitted to circulate on a regular basis. Considering the inherent patterns of ideological formations which have materiality in discursive formations that are expressed explicitly in social actions that are largely replicated. The theoretical contribution is the Franco-Brazilian Discourse Analysis research area, from the writings of Michel Pêcheux and translated into Brazilian by Eni Orlandi. Throughout corpus analysis, it becomes clear that the speech is a recollection of other remarks, in this case, ones that are discriminatory, sexist, and segregationist. In addition, there has been a reinvestment in ideological norms like patriarchy, sexism, and conservatism.

Keywords: phallus; heterosexuality; discourse; president; "imbrochável" ("never limp").

1 INTRODUÇÃO

A formação discursa¹ da masculinidade enquanto materialidade de “um conjunto complexo de atitudes e representações, que não são nem ‘individuais’ nem ‘universais’, mas se relacionam mais ou menos diretamente a posições de classes em conflitos umas com as outras” (Pêcheux; Fuchs, 1997, p.166) comporta um *rol* gigantesco de discursos sobre como é o padrão de homem heterossexual a ser seguido: a forma de se vestir, de andar, de falar, de como sentir prazer, de como falar de desejos sexuais, de amar, quais produtos de higiene são permitidos e assim por diante. São inúmeros os dispositivos que dão conta de regular, descrever e imputar toda uma mecânica de funcionamento do corpo masculino na sociedade.

A representação do homem “heterossexual” (não existe apenas uma representação, porém delimitamos uma perspectiva em decorrência do recorte proposto para análise), postos aspectos do simbólico no seu processo de identificação, numa perspectiva hegemônica, leva em conta que ainda há predominância e propagação de um ideal de “masculino hétero” a ser seguido, indo na contramão de movimentos sociais que visam

¹ Orlandi (1999 p.43)

à desconstrução desse limitado padrão por não comportar dezenas de outras variantes.

Nesse sentido, temos a seguinte pergunta: de que forma o enunciado “imbrochável”, no discurso de 7 de setembro de 2022, do então presidente, funciona discursivamente para sustentar relações de poder masculinas e como se articula com formações ideológicas que são históricas?

A discussão e análise propostas justificam-se, sobretudo, pelo momento político atual, que reforça princípios e costumes conservadores, sustentando o neomachismo², visto como atualização e reinscrição de dizeres com valores machistas antigos em dizeres atuais. Desse modo, a relevância teórica deste estudo se pauta em abordar a (re)produção e circulação de sentidos nas práticas cotidianas, pois os fatos de linguagem, por mais simples que pareçam, reclamam sentidos, campo em que entra a Análise do Discurso que nos instrumentaliza para análise da língua em uso, em funcionamento. A cada objeto elencado, os limites da teoria sofrem deslocamentos. Já a relevância prática desse artigo está ancorada no fomento do debate em torno de questões sensíveis que acometem os discursos polêmicos como o machismo e o patriarcalismo.

A partir do objeto, discurso “hétero”, objetiva-se a análise do processo interdiscursivo que advém “do homem másculo e viril”, autoafirmada em discursos falocêntricos, especialmente no discurso do então Presidente, no dia 7 de setembro de 2022. A metodologia de seleção do *corpus* se deu a partir do incômodo supracitado, que se instaurou a partir da circulação nacional do discurso de Bolsonaro em data comemorativa. Na busca de verificar uma regularidade nesse discurso, foi possível nos depararmos com falas como a citada por Chagas (2022) — *Veja nove vezes em que Bolsonaro atacou os direitos das mulheres* — publicação no site *Brasil de fato*. Logo, o critério adotado foi o de discursos polêmicos (de cunho misógino, homofóbico, sexista...) de Bolsonaro ao longo de sua trajetória política.

Há a circulação diurna de enunciados (informais), ditos como: “garanhão”, “bater com pau na mesa”, “pica da galáxia”, “meu pau” ou ainda movimentos corpóreos que ressaltam o pênis como ataque a outrem, seja

² Bourdieu (2012, p. 106).

mostrando a região pubiana ou fazendo gesto de dar uma banana com os braços simbolizando um falo ereto. Acrescenta-se ainda dancinhas nas redes sociais com *shorts* de malha mantendo uma semi-ereção de modo proposital, em estilo “olha meu pênis”. Uma ênfase: reprodução de práticas discursivas podem ocorrer de forma inconsciente, neste sentido, mobiliza-se a noção de assujeitamento ideológico (Pêcheux, 2014a p.123). No entanto, o mecanismo de desidentificação (*Idem pp.201-202*) ideológica é invocado para dar conta do fato de que é possível subverter uma *interpelação*, contudo, simultaneamente interpela-se o sujeito sob a égide de outra ideologia ao se inscrever em outra formação discursiva. Essa desidentificação não acontece à mercê da vontade do sujeito.

Dito isso, delimito a perspectiva que entende o heterossexual como imperativo de **macho alfa**, o famigerado **hétero top** e suas práticas. Nesta perspectiva, o homem se significa e significa suas relações pela e na formação ideológica³ que o domina e o determina. Daí a necessidade de aspas no título. O recorte proposto é o discurso do ex-presidente do Brasil (2018-2022), no dia 7 de setembro de 2022, feriado comemorativo da independência deste país. Os conceitos a serem prestigiados na análise são oriundos da Análise do Discurso, no entanto, autores como Pierre Bourdieu e Michel Foucault aparecem na escrita situando alguns aspectos da argumentação sócio-historicamente.

2 IDENTIDADE

A identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo "imaginário" ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre "em processo", sempre "sendo formada". (Lopes 2011, p.64),

No terceiro capítulo de sua tese — discurso e identidade — Rodrigues (2007, p.107) dirá que para “atribuir ou reivindicar algum tipo de identidade para sujeitos, para grupos, para movimentos populares, para partidos

³ “[...] um conjunto complexo de atitudes e representações que não são nem ‘individuais’ nem ‘universais’ mas se relacionam mais ou menos diretamente a posições de classes em conflitos umas com as outras” (Pêcheux; Fuchs, 1997 p.166).

políticos, é preciso que haja minimamente um espaço de discursividade [...] e um lugar material [...] em seu aspecto espaço/temporal". No caso em análise, o discurso **heteronormativo** no âmbito político institucional.

A análise do discurso de Pêcheux vai abordar identidade/identificação como a interpelação do indivíduo em sujeito discursivo, devido ao fato de que o sujeito se constitui à medida que constitui seu discurso. Quando Orlandi (1999, p. 15) aponta que "com o estudo do discurso observa-se o homem falando", temos aí, necessariamente, o ponto na teoria desse constituir-se no e pelo discurso, pois, ao dizer, o homem se situa sócio-historicamente, marca sua posição ideológica. O processo de constituição do sujeito em geral é esquecido⁴, simultâneo à constituição de seu discurso, traz a noção ilusória de origem tanto do discurso quanto de controle do sentido.

Já observamos que o sujeito se constitui pelo "esquecimento daquilo que o determina. Podemos agora precisar que a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se efetua pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina (isto é, na qual ele é constituído como sujeito): essa identificação, fundadora da unidade (imaginária) do sujeito, apoia-se no fato de que os elementos do interdiscurso (sob sua dupla forma, [...] enquanto "pré-construído" e "processo de sustentação") que constituem, no discurso do sujeito, os traços daquilo que o determina, são reinscritos no discurso do próprio sujeito (Pêcheux, 1997 p.150).

Nessa reinscrição, o historicamente constituído se apresenta. Ao inscrever-se na ordem do discurso "hétero", o indivíduo enuncia, significa a si e ao outro e reproduz os mecanismos de funcionamento desse discurso, mantendo as regularidades próprias dessa formação discursiva. Ou seja, legitima a proeminência da posição masculina, característica própria de uma sociedade androcêntrica, que, no presente texto, tem o símbolo fálico presente em paráfrases do termo *pênis* e seu desempenho com efeito de sentido de ícone de atestação e manutenção do efeito de poder. Seria

⁴ **Teoria dos dois esquecimentos** "No "esquecimento número 1" o sujeito "esquece", ou, em outras palavras, recalca que o sentido se forma em um processo que lhe é exterior: a zona do "esquecimento número 1" é, por definição, inacessível ao sujeito. O "esquecimento número 2" designa a zona em que o sujeito enunciador se move, em que ele constitui seu enunciado, colocando as fronteiras entre o "dito" e o rejeitado, o "não-dito" (Maldidier, 2003 p. 42)"

possível propor um discurso fundador para pensar uma possível gênese dessa ideologia “hétero”?

3 DISCURSO FUNDADOR NO PROCESSO DE IDENTIFICAÇÃO

Ao abordar o discurso fundador, Orlandi (1993) estabelece uma relação do sem-sentido com o sentido a partir do contato com o novo, ou seja, aquilo que ainda não fora estabelecido dentro de determinado sistema de signos linguísticos para significar. A autora exemplifica com a chegada dos colonizadores no Brasil, que buscaram meios de construir sentidos, com base na língua portuguesa, para o que encontraram por aqui.

Imaginemos que impacto para a interpretação não devia ser o aparecimento de um Novo Mundo nos longínquos confins de um “mar tenebroso e inexplorado”.

Que terreno fértil esse que confunde a realidade, a imaginação (a ficção, a literatura) e o imaginário (a ideologia, o efeito de evidência construído pela memória do velho mundo). Desse modo, é interessante observar a porção de realidade que cada uma dessas lendas propõe e o consequente movimento entre essa realidade, o fantástico e a ideologia (Orlandi, 1993 p.17).

Os mitos, as lendas imiscuem-se aos fatos do mundo, historicizam-se de modo a produzir evidências sobre os acontecimentos, neste caso, o processo de identificação do Brasil.

Nos dá pistas para conhecermos a relação com o imaginário na construção do país. E aí está a marca-discursiva, não conteudística – do discurso fundador: a construção do imaginário necessário para dar uma “cara” a um país em formação: para constituí-lo em sua especificidade como um objeto simbólico. (*Idem*)

Mas o que tudo isso teria a ver com a proposta aqui trazida? Essa construção imaginária própria da identificação. Vejamos primeiramente — o que seria a noção de “hétero”? *Grosso modo*, é confluir com os valores ideológicos cristalizados em práticas que circulam sem muita dificuldade, se materializam em discursos que se propagam a partir da instituição Estado e seus Aparelhos, sobretudo pela tecnologia de naturalização, incorrendo no efeito de sentido de evidência, de que é natural do homem, isto é, está de acordo com a sua natureza.

Adentremos o mérito da questão para pensar o apagamento⁵ do processo constitutivo da identidade. É possível que a centralização do homem seja anterior ao cristianismo, a depender da mitologia recortada. Sendo assim, o discurso fundador, a gênesis⁶, carece de uma atenção maior para poder pelos menos ser colocada como possibilidade de construção de sentidos.

Podemos inferir, em decorrência das transições históricas que viabilizaram a expansão do poder pastoral e atuaram como propulsoras de sentidos baseados no homem heterossexual, provedor, o varão esteio da casa, cujo *locus familiar* submete-se a ele (o patriarca).

Mobilizando essa noção androcêntrica, verifica-se a materialidade discursiva das escrituras sagradas apontando, primeiro, a criação do homem — “Gen. 2:7. E Jeová Deus passou a formar o homem do pó do solo e a soprar nas suas narinas o fôlego de vida, e o homem veio a ser uma alma vivente.” (p. 8)⁷ — que, segundo a tradução para o português, antecede a criação da mulher: “Gen. 2:18 - E Jeová Deus prosseguiu, dizendo: “Não é bom que o homem continue só. Vou fazer-lhe uma ajudadora como complemento dele” (p.9)⁸ e, a partir da costela do homem, a mulher é construída.

Segundo, a hierarquia na congregação segue mantendo o homem na posição de destaque:

1Cor 14:33 Pois Deus não é [Deus] de desordem, mas de paz. Como em todas as congregações dos santos, 34 fiquem caladas as mulheres nas congregações, pois não se lhes permite falar, mas estejam em sujeição assim como diz até mesmo a Lei.⁹ 35 Se, então, quiserem aprender algo, interroguem a seus próprios maridos em casa, pois é ignominioso para uma mulher falar na congregação.”(p. 1439)⁹.

Nota-se que a “lei divina” e dos homens impõe à mulher o silenciamento e a dependência para aprender algo, delimitando o âmbito domiciliar para dirimir dúvidas, pois falar pode ser motivo de desonra. Além

⁵ “[...] apagamento (“esquecimento”) de todo traço localizável desse mecanismo no sujeito pleno-de-sentidos, que aí se encontra produzido como causa de si.” (Pêcheux, 2014b PP.10-11)

⁶ Gênesis não como origem primordial, mas sim como emergência de significação.

⁷ Tradução do novo mundo das escrituras sagradas. Editora Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados. Cesário Lange, SP: 1986

⁸ Idem, p.9

⁹ Idem, p.1439

desses recortes, existem muitos outros que apontam o varão como primeiro na linha de prestígio dos ritos litúrgicos. Verifica-se uma gênese discursiva com base no mito adâmico criacionista, que designa o homem como centro, sendo a ele atribuída a responsabilidade de nomear, dominar e liderar¹⁰ as demais criaturas de Deus.

O mito de Lilith corrobora com os apontamentos citados, uma vez que, sendo a primeira mulher criada, ela exige tratamento isonômico entre gênero e por tal é destituída da comunidade dos homens:

A tradição oral das versões aramaicas e judaicas afirmam que a relação entre os dois era perturbadora. Os conflitos entre Lilith e o primeiro homem decorriam da atitude desta contra a submissão que lhe fora imposta pela comunidade patriarcal. Diante da recusa de Adão ao pedido de Lilith por igualdade, inclusive durante as relações sexuais, ela é expulsa da comunidade dos homens e recebe como punição o exílio no Mar Vermelho e sua transformação num demônio feminino. (Gomes; Almeida, 2007 p.11)

Daí a possibilidade de basear-se no mito criacionista a fundação de um discurso com efeito de sentido androcêntrico que, a longo prazo, traz a mobilização de sentidos do masculino a partir da genitália viril, hipótese levantada tendo em vista os desdobramentos históricos das escrituras que culminaram em práticas sociais com raízes nesse poder pastoral que alcançou o século XXI.

Ele por certo foi deslocado, desmembrado, transformado, integrado a formas diversas, mas no fundo nunca foi verdadeiramente abolido. E, quando eu me coloco no século XVIII como sendo o fim da era pastoral, é provável que ainda me engane, porque de fato o poder pastoral em sua tipologia, em sua organização, em seu modo de funcionamento, o poder pastoral que se exerceu como poder é sem dúvida algo de que ainda não nos libertamos (Foucault, 2008 p.197).

Do mesmo modo, o princípio cristão de obediência pela obediência¹¹. Resumindo, a mitologia cristã, os acontecimentos e a ideologia nos processos de identificações masculinas perenizadas no histórico construíram e mantiveram sentidos de supremacia, sendo justificada a partir do argumento de ter sido do homem, do primeiro homem, o contato

¹⁰ Ef. 5:23-32 (*idem*, p. 1465)

¹¹ Foucault (2008 p.230)

na forma de líder com as demais criações de Deus, inclusive incumbido de significar essas criaturas no sistema de signo linguístico vigente ou ainda, em decorrência do surgimento da propriedade privada, a destituição do matriarcado, passando a família a ser propriedade do homem.

Em sua origem, a palavra família não significa o ideal — mistura de sentimentalismo e dissensões domésticas — do filisteu de nossa época; — a princípio, entre os romanos, não se aplicava sequer ao par de cônjuges e aos seus filhos, mas somente aos escravos. *Famulus* quer dizer escravo doméstico e família é o conjunto dos escravos pertencentes a um mesmo homem. Nos tempos de Gaio, a família "íd est patrimonium" (isto é, herança) era transmitida por testamento. A expressão foi inventada pelos romanos para designar um novo organismo social, cujo chefe mantinha sob seu poder a mulher, os filhos e certo número de escravos, com o pátrio poder romano e o direito de vida e morte sobre todos eles (Engels, 1984 p.61).

Nos dispositivos legais brasileiros, quanto mais antigos, mais nítido o tratamento no que se refere à família, nas relações que envolvem o homem e a mulher. O Primeiro Código Civil Brasileiro¹², por exemplo, em seu Art. 6, considera a mulher casada como incapaz e, no Art. 233, deixa explícito que o marido é o chefe da sociedade conjugal, marcando bem a função central no homem.

A centralidade do homem como uma espécie de pastor familiar, replicando a igreja no âmbito familiar, também é apontada por Foucault (2008), ao argumentar sobre o conceito de economia, abordando o sentido de economia doméstica dentro da lógica do poder pastoral. Apesar de não ser a centralidade do homem o objeto de estudo de Foucault, exemplifica bem o que tratamos aqui.

Há, com toda certeza, uma fragilidade em dizer que o cristianismo seja único em fundar um discurso sobre masculinidade ideal como norma vigente, contudo, é possível apontar que ele viabiliza a busca da estabilização de sentidos nas relações heteronormativas pelo discurso religioso, com efeitos de sentido de conduta correta, modelo acatado e reproduzido pelo Estado, a família, a escola etc.

¹² LEI N° 3.071, DE 1º DE JANEIRO DE 1916 – Código Civil dos Estados Unidos do Brasil

4 O FALO COMO METÁFORA

A partir do exposto, vamos pôr em relevo o discurso com foco no pênis como o símbolo de poder e hegemonia masculina.

O pênis faz parte do aparelho reprodutor masculino, juntamente com os testículos, epidídimos, ductos deferentes e próstata. É o órgão sexual masculino e tem formato cilíndrico e duas funções, excretora e reprodutora.

Parte externa - É dividida em cabeça (ou glande), corpo e raiz. A glande é a área mais sensível do órgão e é envolvida, quando o pênis está flácido, por uma pele chamada prepúcio. Essa pele é ligada à parte inferior do pênis pelo freio. Quando o pênis fica ereto, o prepúcio se retrai, expondo a glande.

Parte interna - É composta de dois corpos cavernosos, um corpo esponjoso e a uretra. Os primeiros encontram-se lado a lado, na parte superior do órgão (considerando-o em posição horizontal).

O corpo esponjoso insere-se na parte inferior do pênis e envolve e protege a uretra até a glande. Tanto os corpos cavernosos quanto o corpo esponjoso são revestidos por uma camada de tecido conjuntiva chamada túnica albugínea, essencial para manter a ereção peniana.

A ereção do órgão requer funcionamento orquestrado dos sistemas vascular, nervoso e hormonal. (Varella, 2021. Destaque da autora)

Para além da descrição da anatomia e da função do pênis, Freitas (2023, p. 209) se debruça sobre as metáforas cotidianas utilizadas para representá-lo. São mais de 900 termos elencados pela pesquisadora. Dentre eles: jiromba, pau, mastro, benga, pirocão, calabresa, salsicha, piru, pinto, rola, anaconda, jiboia, sucuri, marreta, bigorna, bastelo, napa, cacete, major, soldado em sentido, britadeira, trator, entre outros.

Bourdieu (2012) — obra *A dominação masculina* — oferta uma série de argumentos com base nos estudos etnográficos para pensar a relação entre o “hétero” e o falo. Os berberes nativos de Cabília, região de montanhas da Argélia, são alvo do estudo desse autor devido à organização social androcêntrica e à localização estratégica junto ao mediterrâneo, assim atua como parâmetro para pensar outras sociedades com características similares (oriente médio, norte da África, Grécia). Os berberes, segundo Bourdieu, se valem de questões físicas e biológicas para determinar a supremacia masculina. Argumentando inclusive sobre a anatomia do pênis em comparação com a vagina, estabelecem um binarismo dialético para

sustentar o discurso regente de virilidade, *virtus*, ereto, para fora e para o alto em detrimento da vagina flácida, para baixo e para dentro¹³. A fecundidade inerente ao masculino, “a mesma relação morfológica se estabelece entre *thamellalts*, o óvulo, símbolo por excelência da fecundidade feminina, e *imellalen*, os testículos: dizem que o pênis é o único macho que choca dois ovos” (*Idem*, p. 21), além do “leite da vida”, parafraseando o termo que faz analogia do esperma com o leite. A posse pela violência, violar é característica do masculino em gestos de afirmação.

A virilidade, em seu aspecto ético mesmo, isto é, enquanto quididade do *vir*, *virtus*, questão de honra (*nif*), princípio da conservação e do aumento da honra, mantém-se indissociável, pelo menos tacitamente, da virilidade física, através, sobretudo, das provas de potência sexual – defloração da noiva, progenitura masculina abundante etc. – que são esperadas de um homem que seja realmente um homem. Compreende-se que o falo, sempre presente metaoricamente, mas muito raramente nomeado e nomeável, concentre todas as fantasias coletivas de potência fecundante. (*Idem*, p.20)

Essa definição de masculino permeia discursos atuais da identidade do “hétero”, reafirmando posições que garantem a manutenção dessa formação ideológica. O funcionamento do processo discursivo, a interpelação do indivíduo em sujeito “hétero top”¹⁴ contempla esquecimentos de uma interdiscursividade que se apresenta no fio do discurso.

Nos dois extremos do espaço dos possíveis antropológicos: entre os camponeses da montanha da Cabília e entre os grandes burgueses ingleses de Bloomsbury; pesquisadores, quase sempre ligados à psicanálise, descobrem, na experiência psíquica de homens e mulheres de hoje, processos, em sua maioria muito profundamente inculcados, que, tal como o trabalho necessário para separar o menino de sua mãe ou os efeitos simbólicos da divisão sexual de tarefas e de tempos na produção e na reprodução, observam-se também claramente nas práticas rituais, realizadas pública e coletivamente, e integradas no sistema simbólico de uma sociedade organizada de cima a baixo segundo o princípio do primado da masculinidade (*Idem*, pp.100-101).

¹³ Mero recorte **do Esquema sinóptico das oposições pertinentes** (Bourdieu,2012 p. 19).

¹⁴ Circula uma noção de hetero top com sentido de toxidade. “Hétero top é a ‘fantasia de estar no topo’, diz médica psiquiatra” (Tafarel, 2022).

A perpetuação ideológica, seja na sociedade na Cabília ou na nossa, atua via produção de significação enquanto discurso fundador e circula enquanto reprodução de enunciados e sentidos que se busca estabilizar. Tal mecanismo intrínseco ao processo de discursivização configura as relações cotidianas, se dá de modo sutil e quase que imperceptível à primeira vista, pois naturaliza-se nas *práxis*. A análise que segue denota bem este aspecto.

5 “IMBROCHÁVEL”

“Em discurso na Esplanada dos Ministérios durante a celebração do 7 de setembro, o presidente Jair Bolsonaro (PL) repetiu cinco vezes o termo “imbrochável”, palavra que não está no dicionário, mas indicaria suposta “potência sexual inabalável.”[...]

“Imbrochável, imbrochável, imbrochável, imbrochável, imbrochável¹⁵.

O termo brocha, em uma de suas entradas no dicionário Houaiss, é sinônimo de material de pintura¹⁶, uma espécie de pincel que se utiliza para reter um revestimento (tinta) e transferi-la para uma superfície. Mas, como os sentidos não são estáveis, e não é da ordem do controle, o aspecto polissêmico permitido pela metáfora (re)significa o termo com efeito de sentido de falha na ereção¹⁷, sendo possível fazer uma relação entre a cerda mole da brocha e a falta de rigidez peniana. Note que, acrescido de sufixo **vel**, denota formação de adjetivo (Bechara, 2009 p. 363), *brochável* seria característica de um homem, heterossexual, impotente para o sexo. Mas, acrescido uma segunda vez de prefixo **im**, garante construção de sentido de negação (*Idem* p. 367). Assim, *imbrochável* tem a premissa de causar efeito de sentido de nunca falhar durante uma ereção. Dito isso, vejamos como o recorte enunciativo funciona, dado o lugar social e a posição do sujeito.

O lugar social é de chefe de Estado, tendo em vista que o Presidente é aquele que, eleito, ocupa temporariamente a posição máxima de poder executivo dentro da nossa democracia. Em ato político, ocupante de um cargo público, o discurso do ex-presidente pode ser lido como discurso

¹⁵ Senra (2022)

¹⁶ 6 (1712) PINT espécie de pincel grande, feito com cerdas grossas de qualidade inferior, todas de mesmo tamanho, que se emprega para fazer pinturas corridas, em caiação e tb. Na indústria” (Houaiss, 2023).

¹⁷ 18 tab., pej. Diz-se de ou indivíduo que não consegue ter ou manter ereção; impotente (*Idem*)

oficial (ainda que afastado para campanha eleitoral), o Estado enunciando, sobretudo numa data de representatividade histórica. A inscrição desse discurso na formação discursiva da masculinidade, especificamente discurso de autoafirmação heterossexual pela potência fálica, representa um retorno de discursos outros reinscritos neste. O conceito de Formação Discursiva, “ainda que polêmica, é básica na Análise do discurso, pois permite compreender o processo de produção dos sentidos, a sua relação com a ideologia e também dá ao analista a possibilidade de estabelecer regularidades no funcionamento do discurso” (Orlandi, 1999 p. 43). Logo, neste “Imbrochável” se apresenta o *interdiscurso* de virilidade, de honra de ser homem, de não falhar na ereção, cuja emergência de significações pode estar ancorada no poder pastoral, em fatores biológicos com enfoque na anatomia da genitália masculina, ou ainda, em discursos místicos.

Formação Discursiva, doravante FD, é aquilo “que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito” (Pêcheux, 2014a, pp. 146-147). Então, temos: a) o atual ex-presidente que, de seu lugar social (presidente), em posição sujeito machista, pois é interpelado ideologicamente pelo machismo, patriarcalismo, conservadorismo, **enuncia** “imbrochável”; b) cujas condições de produção — período histórico de reafirmação, busca de uma retomada mais efetiva do patriarcado, valores do homem heterosexual branco viril, pai de família, cujo topo da cadeia de poder o espera e de onde é possível ser violento com legitimidade; c) o contexto imediato da enunciação é a comemoração de um marco histórico de desligamento entre Brasil e Portugal, além de ser também período de campanha eleitoral (2022), onde os intentos de se manter no lugar de presidente marcam o discurso donde se recortou o enunciado “imbrochável” posto em análise.

Com isso, a afirmação de que o enunciador se inscreve nesta FD parte dos inúmeros outros ditos que coadunam com o recorte aqui destacado e que circularam socialmente:

“Jámais ia estuprar você, você não merece”;
“Eu tenho cinco filhos. Foram quatro homens, aí no quinto eu dei uma fraquejada e veio uma mulher”;
Em mais uma fala sexista e, dessa vez, homofóbica, Jair Bolsonaro afirmou que o Brasil não poderia ser um país de turismo gay, mas

que “quem quiser vir aqui fazer sexo com uma mulher fique à vontade”.¹⁸

Os recortes acima são oriundos do mesmo sujeito, ora em lugar de presidente (2019-2022), ora em lugar de deputado federal (1991 a 2018) e vereador, antes disso, (1988)¹⁹, em lugares distintos, todos como representante político. Se analisarmos sob a ótica de que um representante político enuncia de modo a tornar presente ou apresentar novamente aqueles que direcionaram seus votos a este representante, pois, “etimologicamente, ‘representação’ provém da forma latina ‘repraesentare’ — fazer presente ou apresentar de novo”. Logo, “a representação é um processo pelo qual se institui um representante que, em certo contexto limitado, tomará o lugar de quem representa” (Makowiecky, 2003 p. 4). Portanto, através do sistema de representação política do Brasil, um sujeito político enuncia por milhões de pessoas, como é o caso do recorte.

Agora veja bem, enunciar, em tom misógino, um ato de violência com efeitos de sentido de violência sexual a outra deputada, uma vez que “a frase proferida por Jair Bolsonaro (PL) em 2014”, enquanto deputado, direciona-se a Maria do Rosário PT-RS (Chagas, 2022), recai de certa forma sobre todos aqueles que ela representa no âmbito político. As implicações de tal conduta podem ser lidas como de nível colossal, caso façamos uma breve estimativa de quantas são as vítimas de estupro no Brasil.

A revista Exame divulgou uma matéria em 2022, com referência aos dados de 2021, em relação ao estupro, cujo título é “Brasil registra um estupro a cada dez minutos em 2021²⁰”. Isso tendo em conta que nem todos os casos são registrados. A matéria segue destacando que houve aumento dos casos e ainda aponta dados sobre o feminicídio, mais de 1300 casos em 2021. Poderíamos ser acusados aqui de incorrer em anacronismo analítico, dado o recorte e seu ano de enunciação, não fosse o crescimento de casos de estupro no período pandêmico, consoante com uma nova investida de valores machistas.

Na sequência do recorte, temos — “Eu tenho cinco filhos. Foram quatro homens, aí no quinto eu dei uma fraquejada e veio uma mulher” —

¹⁸ Chagas (2022)

¹⁹ Ebiografia (2023)

²⁰ Exame (2022)

e por fim — “Em mais uma fala sexista e, dessa vez, homofóbica, Jair Bolsonaro afirmou que o Brasil não poderia ser um país de turismo gay, mas que “quem quiser vir aqui fazer sexo com uma mulher fique à vontade” — delimitando o discurso misógino, temos efeitos de sentido de inferioridade na paternidade de uma filha, atrelado àquilo que é fraco no confronto com a paternidade de filho, permitindo o gesto de interpretação, cujo conceito Orlandi (2013) destaca:

Ao significar, o sujeito se significa e o gesto de interpretação é o que, perceptível, ou não, para o sujeito e seus interlocutores, decide a direção dos sentidos, decidindo assim sobre sua própria “direção” (identificação, posição-sujeito etc), ao inscrever-se em formações discursivas, reflexos das formações ideológicas. (Orlandi, 2013 pp. 6-7)

Por isso, a interpretação de que a filha é concebida exatamente onde o pai se enfraquece enquanto homem viril e reprodutor de homens.

Ainda sobre a mulher, o último trecho do recorte reposiciona o Brasil internacionalmente como oferta de mulher objetificada, disponível para o sexo²¹. Há uma manutenção do discurso que entende o Brasil como destino de turismo sexual, estigma antigo, uma memória discursiva (Achard et al, 1999, p. 11) “considerando que a estruturação do discursivo vai constituir a materialidade de uma certa memória social”, reinscrita interdiscursivamente neste recorte.

Quando nos valemos deste último recorte para analisar o discurso homofóbico, notamos que às camadas os valores ideológicos se reinscrevem, uma vez que o entendimento do turismo gay no enunciado em análise é reduzido ao sexo, eleva-se a ideologia homofóbica com a ideologia misógina. Contudo, mantém-se o caráter sexual. *Desloca-se* o sentido de turismo sexual gay para o turismo sexual heterossexual.

Vale dizer: se, por um lado, a repetição é responsável pela cristalização dos sentidos, por outro, também é a repetição que responde por sua movimentação/alteração.” Ou seja, os sentidos se movem ao serem produzidos a partir de outra posição sujeito ou de outra matriz de sentido. (Indusrky, 2011 p.8)

²¹ C.F. SANTOS et al., 2021. A Representação da Mulher no Turismo Brasileiro: uma abordagem discursiva atual (2019-2020).

Há, portanto, um caráter repetitivo que se movimenta da matriz de sentido de gay reduzido a sexo para a objetificação sexual do corpo feminino. Não sendo permitido circular enunciados que possam causar efeito de sentido de Brasil com potencial turístico gay²², o enunciador arranja seu discurso de modo a interditá-lo, mesmo que para isso o discurso se inscreva em outra formação discursiva tão problemática quanto.

Coadunando com as análises acima, argumenta-se sobre o avanço do neomachismo que pode ser verificado de modo nítido na transição política a partir do *impeachment* de Dilma Rousseff. A tese "De louca a incompetente: construções discursivas em relação à ex-presidente Dilma Rousseff em uma rede social", de Perla Haydee da Silva, defendida em 2019, analisa mais de 3000 recortes extraídos da página do MBL, no *Facebook*. Dentre esses recortes, os subtítulos mobilizados pela autora "Louca, maluca, desequilibrada, burra, jumenta, anta, puta, vagabunda, vaca, Presidenta nojenta". São muitos os ataques que sofre a mulher ao ocupar o espaço político hegemonicamente masculino. Ela tem sua sanidade, bem como seu intelecto e competências técnicas questionadas.

Além dos ataques na internet, por civis, é possível verificar vídeos²³ em que "Bolsonaro ironizou os relatos de Dilma sobre o período em que foi presa, na década de 1970. Bolsonaro disse que aguardava um raio-X da ex-presidente para provar que ela teve a mandíbula fraturada" (Câmara, 2020).

Nota-se que há uma regularidade enunciativa determinando a identificação do sujeito com seus dizeres. A ilusão de naturalidade desses ditos, que são sustentados por pré-construídos, por vezes ressurgem em máximas, tais como: homem que é homem tem que ser desta forma e não de outra, resultado de sua constituição.

Portanto, o sujeito ex-presidente, tanto no recorte em análise quanto nos outros dizeres formulados por esse mesmo sujeito e aqui apontados, se identifica e constitui-se em sujeito a partir da determinação de si pelas evidências próprias da ideologia, que coloca "o homem em relação imaginária com suas condições reais de existência" (Orlandi, 1999, 46). Por isso, aponta-se a noção de naturalidade das práticas enquanto evidências

²² Economicamente este segmento do turismo é 4 vezes mais rentável "Clóvis Casemiro, representante da IGLTA, ressaltou que o turismo LGBTQ+ é 30% mais rentável do que o convencional e que as empresas e destinos devem se preparar para receber os viajantes LGBTQ+". (Câmara, 2021)

²³ Youtube (2020).

produzidas pela ideologia, que ganha materialidade no discurso e busca causar efeito de sentido de verdade absoluta. Ou seja, é evidente que homem “hétero” tem que pegar no pau, cuspir no chão, sempre que entender necessário ressaltar a anatomia de seu pênis — tamanho, espessura, estética — além da infalível ereção “imbrochável”, sem esquecer de enfatizar em seus discursos seu posto de superioridade masculina, designado tanto por Deus quanto pela Biologia, reforçando, através da misoginia, a “inferioridade” da mulher; da homofobia, o desprezo pelo homem que não comunga dos mesmos valores, que coloca o homem na posição de ativo penetrante, violador, deflorador etc.. Vê-se a sustentação via pré-construídos do discurso patriarcal.

Logo, é isso que, dentro da perspectiva aqui adotada, identifica um homem “hétero”, não sendo, entretanto, os únicos aspectos que o determina. Para maior abrangência, seria necessário nos delongarmos em mais pesquisas, por exemplo: o papel da mulher na ideologia falocêntrica; o homossexual e o culto ao falo; ou ainda, porque a genitália, enquanto componente natural do organismo humano ainda é alvo de tanta polêmica, aí temos uma problematização de uma psicanalista: “Quando iremos ultrapassar o mágico nível de fetichizar partes do corpo, como pau de macho e coração de príncipe, e crescer?” (Homem, 2022) em referência ao discurso do ex-presidente e da vinda do coração de Dom Pedro I ao Brasil na comemoração do dia 7 de setembro de 2022.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relação entre a identificação do “heterossexual” e seu falo como ícone de poder é antiga, parecendo inclusive que está longe de ser extinta. Ao recortar um enunciado de uma dada formação discursiva, pôr em relevo suas formações ideológicas, torna-se possível entender como determinados discursos arcaicos se reavivam em discursos atuais. A Análise do Discurso nos instrumentaliza para a decomposição de discursos e a assimilação de suas regularidades, interdiscursos, ideologias etc.

A proposição do recorte contextualizado historicamente, tendo em vista a noção de discurso fundador (Orlandi, 1993) como instante de emergência de significação para o patriarcado (a influência do poder

pastoral durante séculos (Foucault, 2008), privilegiando o homem branco heterossexual como dotado de prevalência sobre os demais; os estudos sociológicos da região da Cabília (Bourdieu, 2012), como uma possível origem para sentidos de poder em torno do falo; o surgimento da noção de propriedade privada (Engels, 1984) para entender o movimento de significar a posição do homem e a perpetuação do nome e manutenção dos bens; o pátrio poder, os dispositivos legais, como o Código Civil brasileiro (1916) como reproduutor de valores que favorecem o homem), permitem-nos sustentar o argumento de que a identificação do sujeito (Pêcheux, 2014b) com discursos falocêntricos é resultado do processo interpelatório que exige que se enuncie de tal modo a ser legitimado em certa formação social (patriarcado). E dado o lugar social de presidente em posição sujeito machista, misógino, homofóbico etc., autorizam-se outros sujeitos a reproduzirem tais discursos, incorrendo naquilo que é próprio do funcionamento da língua em uso, fazendo sentido, significando, isto é, ratificando as forças materiais que não são nem individuais nem universais [...], conjuntos complexos de atitudes e representações (Pêcheux; Fuchs, 1997 p. 166).

Em suma, ao enunciar “imbrochável” repetidamente o ex-presidente marca seus valores e se choca com outras formações ideológicas, e todo aquele que se identifica com esse discurso, considerando o aspecto sócio-histórico do que este dizer representa, também se inscreve nessa discursividade, donde se relaciona discursivamente com o mundo e com os outros.

Talvez essa necessidade de querer causar efeito de sentido de “imbrochabilidade” seja oriunda da fragilidade masculina frente ao risco de admitir que todo organismo vivo uma hora apresenta debilidade em seu funcionamento, o que para esta posição sujeito macho hétero top seria admitir que uma hora esse suposto poder, de que ele tanto se orgulha de ostentar, enfraquecerá e ruirá.

Independente do gênero, o culto ao falo, ao homem “hétero” tal como tratamos neste texto deixa em aberto outros pontos como, por exemplo: que a interpelação ideológica constitui inclusive indivíduos dominados, os violados, da classe não hegemônica em sujeitos machistas e seus desdobramentos. Mas isso infere acerca de outros recortes que exigem

outros escritos, eis aí a premissa da Análise do Discurso, que enfatiza a inesgotabilidade das possibilidades analíticas.

Agradecimentos:

À CAPES pela bolsa de pesquisa; ao Dr. Paulo César Tafarello pela orientação; ao Dr. Marlon Leal Rodrigues pela parceria e diálogos teóricos; ao Gabriel Amário Ferreira pela convivência e afetividade.

REFERÊNCIAS

ACHARD, Pierre et al. **Memória e produção discursiva de sentido**. Tradução e introdução José Horta Nunes. Campinas, SP: Pontes, 1999.

BRASIL, Estados Unidos do. **LEI N° 3.071, DE 1º DE JANEIRO DE 1916** – Código Civil dos Estados Unidos do Brasil, 1916. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1910-1919/lei-3071-1-janeiro-1916-397989-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em 01 mar. 2023.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. rev., ampl. e atual. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação Masculina**. Tradução Maria Helena Kulner. 11ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012

CÂMARA, Deputados. **Viajantes LGBTQIA+ gastam quatro vezes mais: Brasil precisa se preparar para recebê-los**. Comissão de Turismo. Brasília DF, 2021. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-permanentes/ctur/noticias/viajantes-lgbtqia-gastam-quatro-vezes-mais-brasil-precisa-se-preparar-para-receber-los>. Acesso em: 05 jul. 2023

CÂMARA, Deputados. **Para Maia, fala de Bolsonaro sobre Dilma mostra que ele não tem dimensão humana**. Agência Câmara de Notícias. Brasília DF, 2020. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/719296-para-maia-fala-de-bolsonaro-sobre-dilma-mostra-que-ele-nao-tem-dimensao-humana/>. Acesso em: 05 jul. 2023.

CHAGAS, Inara. **Veja nove vezes em que Bolsonaro atacou os direitos das mulheres**. Brasil de fato. Florianópolis SC, 2022. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/03/08/veja-nove-vezes-em-que-bolsonaro-atacou-os-direitos-das-mulheres>. Acesso em: 02 mar. 2023.

ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado.** 9ª Ed. Tradução Leandro Konder. Editora Civilização brasileira: Rio de Janeiro/RJ, 1984.

EXAME, Revista. **Brasil registra um estupro a cada dez minutos em 2021.** Revista Exame, São Paulo SP, 2022. Disponível em: <https://exame.com/brasil/brasil-registra-um-estupro-a-cada-dez-minutos-em-2021/>. Acesso em 04 jul. 2023

EBOOKGRAFIA, toda matéria. **Jair Messias Bolsonaro: ex-presidente do Brasil.** Toda Matéria E-biografia, 2023. Disponível em: https://www.ebiografia.com/jair_bolsonaro/. Acesso em: 04 jul. 2023.

FOUCAULT, Michel. **Segurança, território, população:** curso dado no Collège de France (1977-1978). São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FREITAS, Patrícia Oliveira de. **Metáforas cotidianas para órgãos sexuais e linguagem sexista.** 2023. 220 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

GOMES, Antônio Maspoli de Araújo; ALMEIDA, Vanessa Ponstinnicoff de. O Mito de Lilith e a Integração do Feminino na Sociedade Contemporânea. Âncora. **Revista Digital de Estudos em Religião.** Ano II, Vol. II, junho, 2007.

HOMEM, Maria. Pedir para te saudarem com um 'imbrochável' é puro pânico de brochar. **Folha de São Paulo.** São Paulo SP, 2022. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/09/pedir-para-te-saudarem-com-um-imbrochavel-e-puro-panico-de-brochar.shtml?fbclid=IwAR3hRoo2xywsrspgB4A_RPNN1WeIMVAiTzL3YOT8lGf3Y8ypppR-UI1MvOk. Acesso em: 01 fev. 2022.

HOUAISS. **Dicionário online.** Uol, 2023. Disponível em: https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-1/html/index.php#5. Acesso em: 27 out. 2023.

INDURSKY, F. A exterioridade constitutiva do texto à luz da análise do discurso. In: BATTISTI, E.; COLISCHONN, G. (org.). **Língua e linguagem:** perspectivas de investigação. Pelotas: EDUCAT. 2011, p. 19-43.

LOPES, Rosalina Ramos. A Construção da Identidade do Negro na Música Popular Brasileira. In: RODRIGUES, Marlon leal (Org.). **Análise do Discurso na Graduação (Teoria & Prática).** Dourados, MS: Nicanor coelho-editor, 2011.

MALDIDIER, Denise. **A inquietação do discurso:** (re)ler Michel Pêcheux hoje. Tradução Eni P. Orlandi. Campinas, SP: Pontes, 2003.

MAKOWIECKY, Sandra. **Representação: a palavra, a idéia, a coisa.** Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas, PPGICH, 2003. ISSN 1984-8951. Disponível em:

<https://antigo.periodicos.ufsc.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/2181>. Acesso em: 04 jul. 2023.

SANTOS, Denise Betânia Marques dos; FRANCISCO, Cicero Nestor Pinheiro; GUERRA, Jose Roberto Ferreira. A representação da mulher no turismo brasileiro: uma abordagem discursiva atual (2019-2020). **Revista Turismo em Análise**, 32(1). USP: São Paulo/SP | v. 32, n. 1, p. 141-161, jan./abr, 2021.

SENRA, Ricardo. **Imbrochável? 'Discurso hipersexualizado de Bolsonaro é típico da masculinidade frágil', diz psicanalista.** BBC News Brasil, 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-62795997>. Acesso em: 01 fev. 2023.

SILVA, Perla Haydee da. **De louca a incompetente:** construções discursivas em relação à ex-presidente Dilma Rousseff, 2019. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Linguagens. Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens. Cuiabá MT, 2019.

TAFAREL, Renan. **Hétero top é a 'fantasia de estar no topo', diz médica psiquiatra.** IG Queer, 2022. Disponível em: <https://queer.ig.com.br/2022-03-25/o-que-significa-ser-hetero-top.html>. Acesso em: 02 mar. 2022.

ORLANDI, Eni Puccinelli (Org.). **Discurso Fundador: a formação do país e a construção da identidade nacional.** Campinas, SP: Pontes, 1993.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos.** Campinas, SP: Pontes, 1999.

ORLANDI, Eni Puccinelli. A materialidade do gesto de interpretação e o discurso eletrônico. In: Dias, Cristiane. **Formas de mobilidade no espaço e-urbano: sentido e materialidade digital [online].** Série e-urbano UNICAMPI: Campinas SP, 2013. Vol. 2.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica a afirmação do óbvio.** Tradução Eni Puccinelli Orlandi et al. 5^a ed. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2014a.

PÊCHEUX, Michel. Ousar pensar e ousar se revoltar Ideologia, marxismo, luta de classes. **Revista Décalages.** Vol. 1: Iss 4, 2014b.

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. A propósito da Análise do Discurso: atualização e perspectivas. In: Gadet, Française.; Hak, Tony (Org.). **Por uma análise automática do discurso:** uma introdução a obra de Michel Pêcheux. 3^a ed. Campinas, SP: UNICAMP, 1997.

RODRIGUES, Marlon Leal. **MST: discurso de reforma agrária pela ocupação: acontecimento discursivo,** 2007. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas SP, 2007.

VARELLA, Mariana. **Pênis.** UOL Portal do Dráuzio, 2021. Disponível em: <https://drauziovarella.uol.com.br/corpo-humano/penis/>. Acesso em: 27 de out. de 2023.

YOUTUBE. UOL. **Jair Bolsonaro ironiza tortura sofrida por Dilma Rousseff:** "Traz o raio-X". Canal Uol You Tube, 2020. Disponível em: <https://youtu.be/myalBP-9OGg>. Acesso em: 05 jul. de 2023.

SILVA, Valter Souza da; OLIVEIRA, Rosimar Regina Rodrigues de. O "hétero" e falo: a sustentação do poder na ordem do discurso. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 15, e96154, 2025.
DOI: 10.36517/ep15.96154